

Após 6 anos, educação ainda desafia Era Lula

• A melhoria de renda e de emprego, assim como a queda na desigualdade, não está sendo acompanhada, no governo Lula, por avanços na educação. Nessa área, segundo dados da Pnad/2007 divul-

gados pelo IBGE, o país enfrenta um retrocesso. O número de estudantes de 15 a 17 anos nas escolas caiu 1,6%. O Brasil tem mais analfabetos que países como Bolívia e Suriname. **Páginas 32 a 35**

Editoria de Arte

AS CONDIÇÕES DE VIDA ENTRE 2006 E 2007



O QUE AVANÇOU



DESIGUALDADE DE RENDA
Caiu 2,4%, de 0,541 para 0,528
(quanto mais perto de zero, melhor)

ACESSO À INTERNET

O número de domicílios
subiu de 17,1% para 20,2%



SANEAMENTO

Pela primeira vez, a maior parte dos
domicílios (50,7%) tem rede
coletora de esgoto



O QUE DECEPCIONOU



ESCOLARIZAÇÃO

O número de crianças em idade de ensino
fundamental fora da escola estacionou
em 2,3% e o de jovens subiu
de 17,5% para 17,7%



TRABALHO INFANTIL

Caiu pouco, de 11,5% para 10,8%



ANALFABETISMO

Caiu pouco, de 10,2% para 9,9%.
O Brasil ainda é pior que vizinhos
como Bolívia e Suriname

Um país menos desigual e com mais direitos

Ganho subiu 7,4% para trabalhadores mais pobres e caiu 0,6% entre ricos. Concentração se agravou no Centro-Oeste

Cássia Almeida

• RIO, RIO GRANDE (RS) e BRASÍLIA. Um Brasil menos desigual, com trabalhadores mais protegidos. Foi assim que a maior pesquisa nacional de condições de vida encontrou o país ano passado. O IBGE lançou ontem a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007, mostrando ainda forte avanço do saneamento; menos analfabetos; mais crianças e menos jovens nas escolas; e internet atingindo mais computadores.

— Apesar da queda expressiva do grau de concentração, é preciso pensar em novas políticas públicas para dar maior velocidade à redução da desigualdade — disse Eduardo Nunes, presidente do IBGE.

No mercado de trabalho, a situação melhorou em geral. A queda de 2,4% na desigualdade de renda foi a maior desde 1990 — ano do confisco do governo Collor, com empobrecimento geral. O Índice de Gini, que mede o grau de concentração — sai de zero e, quanto mais perto de um, pior —, caiu de 0,540 para 0,528 de 2006 para 2007.

A distribuição melhor, com um aumento de 6% no número de empregados com carteira assinada, mostra uma mudança estrutural. O número de pessoas trabalhando cresceu 1,6% e o rendimento médio real (descontado o efeito da inflação) subiu 3,2%, para R\$ 956 mensais. Excluindo-se o Norte rural, que passou a ser

pesquisado em 2004, o rendimento ficou em R\$ 960.

A valorização foi menor que as de 2006 e 2005, mas encerra o terceiro ano seguido de ganho para os trabalhadores. São 15,6% desde o início da recuperação. O salário, porém, é menor que os R\$ 1.003 de 1998. O desemprego caiu de 8,4% para 8,2%, o menor desde os 7,8% de 1997.

— O mais significativo é quebrar essa estrutura da distribuição de renda. Está se quebrando uma inércia de décadas — disse Lauro Ramos, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Centro-Oeste: salário puxado por profissionais liberais

A explicação matemática para queda da desigualdade está nas pontas. Os 10% mais pobres viram seu rendimento engordar 13,4%. Para o 1% mais rico, houve queda de 0,6%. Entre os 10% que ganham mais, a alta limitou-se a 0,38%.

— Pela primeira vez, num momento de recuperação da economia e alta dos rendimentos, vemos a desigualdade cair — afirmou Claudio Dedecca, economista da Unicamp.

O fenômeno nordestino de aumento da concentração de renda visto em 2006 se transferiu, em 2007, para o Centro-Oeste, onde o Índice de Gini subiu de 0,541 para 0,551. Segundo Sonia Rocha, do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), o Centro-Oeste tem atraído muitos profissio-

nais liberais, que ganham mais. Cimar Azeredo, gerente da integração da Pnad e da Pesquisa Mensal de Emprego, acredita que o aumento do emprego agrícola na região, que paga menos, pode ter influenciado.

Shirley Barbosa, geógrafa do Ibama, comemora o bom momento do funcionalismo público em Brasília, com reajustes de salários e mais acesso a bens. O mineiro Vanderley Alves da Silva, radicado em Brasília, trocou o emprego de motoboy por um negócio de vendas de marmitas, e viu sua renda dar um salto no último ano: de R\$ 800 para R\$ 2.400 por mês.

— Tenho chance de crescer mais. Foi só vencer o medo.

A situação se inverteu no Nordeste, que agora teve a maior queda na concentração:

— Uma queda nunca vista em qualquer série histórica de desigualdade — observou Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Em Rio Grande (RS), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva comemorou:

— Com muito orgulho eu posso dizer para vocês que melhoraram todos os indicadores sociais: melhorou a renda, o número de empregos, o crescimento da indústria e a perspectiva deste país. Eu poderia dizer que melhorou a auto-estima do povo e nossa perspectiva de futuro. ■

COLABORARAM *Maria Lima (enviada especial), Henrique Gomes Batista e Mônica Tavares*



VANDERLEY SILVA aumentou sua renda de R\$ 800 para R\$ 2.400 ao passar a vender marmitas

DESIGUALDADE

EM QUEDA

Índice de Gini dos rendimentos do trabalho: quanto menor, melhor



*Em 2006, o Índice de Gini do rendimento de todos os trabalhos dos brasileiros era de 0,540. Mas, para efeito de comparação com os anos anteriores, excluem-se no gráfico as áreas rurais dos estados do Norte (que não eram pesquisadas até 2004). Em 2007, os dois números (com e sem Norte rural) eram iguais: 0,528

RENDA

EM CRESCIMENTO

Rendimento médio real mensal do trabalho, em reais, corrigido pelo INPC



*A renda do trabalho dos brasileiros em 2007 foi de R\$ 956. Mas, para efeito de comparação com os anos anteriores, excluem-se no gráfico as áreas rurais dos estados do Norte (que não eram pesquisadas até 2004)

EMPREGO

MELHORA A TAXA DE DESEMPREGO



Até 2003, os dados não incluem o Norte rural. A partir de 2004, a abrangência da pesquisa passou a ser nacional

Crece o emprego formal

Em % do total de ocupados

	2006	2007
Empregadores	4,5%	3,8%
Empregados com carteira	33,8%	35,3%
Militares e funcionários públicos	6,6%	6,8%
Empregados sem carteira	23,2%	22,7%
Trabalhadores por conta própria	21,2%	21,2%
Outros	10,7%	10,2%

Cresce a ocupação na indústria

Varição no número de trabalhadores, entre 2006 e 2007

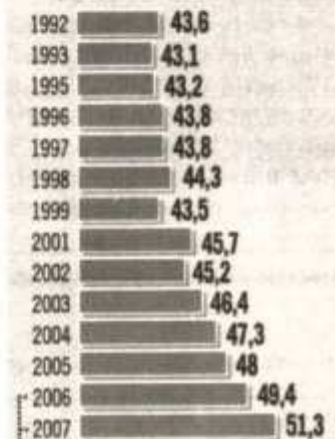
Atividade agrícola	▼ -4%
Indústria	▲ 4,6%
Construção	▲ 4,6%
Comércio e reparação	▲ 3,6%
Serviços	▲ 1,9%

A primeira vez, desde 2004, que aumentou a população ocupada na indústria

PREVIDÊNCIA

Aumenta a cobertura

Parcela dos trabalhadores (em %) que contribuem para a Previdência, em qualquer trabalho



Pela primeira vez desde o início da década de 90, mais da metade dos trabalhadores brasileiros contribui para a Previdência

Em 2006, a parcela de contribuintes para a Previdência, em qualquer trabalho, era de 48,8% em todo o Brasil e, em 2007, chegou a 50,7%. Mas, para efeito de comparação com os anos anteriores, excluem-se no gráfico acima as áreas rurais dos estados do Norte (que não eram pesquisadas até 2004)

SINDICALIZAÇÃO

Cai a associação a entidades

Parcela dos trabalhadores que são associados a sindicatos



Em 1994, não houve Pnad. Em 2000, como foi realizado o Censo, o Pnad não foi às ruas.

FONTES: IBGE